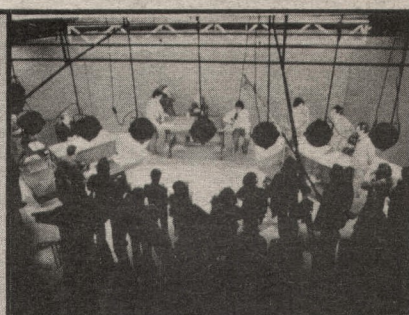


Tropas de Lisboa avançam em Moçambique

PORTUGAL REPRIME REBELDES BRANCOS

Chefe do Estado Maior das Forças Armadas ordenou que as tropas se dirigissem para Lourenço Marques a fim de dominar a rebelião da minoria branca. **PÁGINA 10**



Um debate de duas horas em alto nível

Os dois candidatos gaúchos ao Senado debateram ontem suas posições políticas. **PÁGS. 19/20/21**

Às vésperas da decisão, Borregaard vai a Geisel

General Breno Borges Fortes, presidente da empresa, manteve um encontro com o presidente Geisel. Antes, disse que os políticos exploram a situação. **PÁGINA 17**

ZERO HORA

ANO XI Terça-feira 10-9-74 N° 3275
PORTO ALEGRE — 1,20

TRÂNSITO MUDA DE NOVO NA AZENHA

Trechos das avenidas João Pessoa e Azenha ficam com mão única. Sessenta homens da SMT vão orientar motoristas. **PÁG. 6**

PREÇO DO TRIGO VAI SUBIR

Ministro da Agricultura anuncia: o preço do mínimo do produto vai para Cr\$ 84,00 a saca. Mas a soja pode baixar. **PÁGINA 14**

no fim de semana siga o balão para morar bem

POLÍCIA DIVULGA MAIS NOTAS MARCADAS

E as investigações estão concentradas na Zona Sul do Estado, mas ainda não há prisões. **PÁGS. 27/28**



Brossard, de marrom e gravata vermelha, e Jost, com seu ar tranqüilo, não pareciam dois homens que dentro de instantes estariam frente às câmeras de TV, disputando a preferência do eleitorado gaúcho. Para ambos, o debate vinha ao natural.

BROSSARD, DE MARROM PARA UM BOM CONTRASTE

Paulo Brossard de Souza Pinto não levou mais de quinze minutos para trocar as pantufas e a roupa caseira, calça e camisa de lã, pelo terno, camisa e gravata de cores harmonizadas com que se apresentaria, mais tarde, na televisão. Para um bom contraste nos aparelhos a cores, serviu-se de um terno marrom gravata vermelha e uma camisa rosa que amenizava esses dois tons. No amplo apartamento que ocupa no décimo segundo andar do edifício na esquina oposta à Catedral, de onde avista o Palácio do Governo, a Assembléia Legislativa e a maior parte da Praça da Matriz, sua esposa, dona Lúcia, movimentava-se para atender o telefone e a campanha. "Ele não comeu quase nada", murmurou num momento. Foi a única expressão manifesta de que o candidato ao senado estava sentindo a aproximação do importante debate.

Pessoalmente amável e calmo, o professor Brossard não deixava exteriorizar qualquer outro sinal de seus sentimentos. Não se notava nervosismo e Mário de Almeida Lima, jornalista e líder da oposição, que foi candidato à suplência no Senado nas eleições anteriores, chegou a salientar a aparência extremamente natural de Paulo Brossard. Além de sua família, mulher e filhos, apenas o antigo companheiro de chapa e o ex-libertador Antenor Simões aguardaram com o candidato opositorista, em seu apartamento, o momento de seguir para a televisão.

Numa pasta preta, com várias repartições internas, Brossard terminou de arquivar o volumoso material que preparara para sua apresentação. Incluiu mais algum material, recebido naquela tarde, do deputado Moisés Velasquez. Eram portarias do Banco do Brasil autorizando os funcionários a receberem suas férias em dinheiro mesmo antes de terem o direito de usufruí-las. Para o candidato da oposição, "os bancários, que já gozaram de um bom nível salarial, depois da passagem de Jost pelo Banco do Brasil não podem mais, sequer, gozar férias, tais as aperturas financeiras que enfrentam".

Já pronto, o casacão xadrez sobre os ombros, lembrou-se de recorrer ao livro de Theodore Serensen sobre Kennedy para copiar uma frase do discurso de posse do ex-presidente norte-americano. "Na longa história do mundo, só algumas gerações foram chamadas a desempenhar o papel de defensoras da liberdade, na hora de maior perigo. Não recue diante dessa responsabilidade. Deseje-a" — enquanto escrevia sussurrava cada palavra. Depois repetiu tudo em voz alta. Na mesma letra miúda que desenrola sem pressa, trazia sobre a mesa alguns versos de Antônio Chimango que tinham, certamente, endereço certo: Homem é bicho que se doma / como qualquer outro bicho / tem, às vezes, seu capricho / mas logo larga de mão / quando no cocho a ração / faz que não sente o rabicho".

A mulher e as filhas saíram na frente. Mário Lima e Antenor Simões, mais alguns jornalistas que chegaram no último momento, lotaram o elevador social. Brossard desceu pelo de serviço com um fotógrafo que não o largava de mão, registrando o beijo de despedida dado pela esposa, momentos antes. Em baixo, esperava-o um Galaxie. No carro, seguiram Brossard, Mário Lima, que sempre foi seu mais dedicado acompanhante, e o filho Quico, estudante de agronomia, que com sua máquina fotográfica procuraria documentar o debate do pai com o candidato situacionista, Nestor Jost. Brossard chegou à televisão às 20h20min. Menos de quatro minutos após, Jost descia de um Impala negro.

PARA JOST UM FATO NATURAL: ELE É DO IMPROVISO

Para Nestor Jost, segundo transparecia do sorriso que permanentemente trazia no rosto, o debate que dentro de alguns momentos teria com o candidato opositorista era encarado como um fato natural. No apartamento 1410 do Plaza São Rafael, ele dividia o tempo que o separava do debate, na atenção que dava a esposa Ana, à filha Jacira e seu marido João Alberto Magalhães, ao filho Ibatê e ao genro Gutemberg Guarabira, vindos do Rio e São Paulo, para assistir ao debate. Nestor dedicou o dia de ontem a visitas a velhos amigos e corregilônios, tendo almoçado com um grupo de dez amigos que vieram do centro do país. Entre eles figuravam Oscar Bloch, Paulo Bornhausen, Ariosto Amado, João José Carvalho Sá, Adail Barreto, entre outros.

— Sou um homem do improviso. Vou para esse debate como se estivesse me dirigindo para mais um comício, disse Nestor Jost.

Seus amigos estavam confiantes, tal como o candidato. O telefone não parou de chamar no apartamento 1410. Dona Iná faz o papel de secretária. São votos de êxito para seu marido. As 20h20min Nestor deixa o apartamento e se dirige para o bar do Plaza São Rafael. Lá os amigos o recebem com palmas e trocam impressões sobre o seu encontro com Paulo Brossard.

— Vou me maquilar. Foi o aviso de Nestor — em tom de bom humor — aos seus amigos que com ele confraternizavam no "Big River Saloon", subindo para o 14º andar, a fim de se preparar para o encontro. As 21h12min, desceu e foi saudado por cerca de vinte amigos que o receberam na hall do hotel, embarcando a seguir no Impala 1967, placa AK-5003, do publicitário Ernani Behs, que o levou para os estúdios da televisão.

— Coragem não me falta, o que me falta é ar. Foram expressões de Nestor ao receber a saudação encorajadora de seus amigos.

Nestor Jost levou apenas uma revista e alguns recortes de jornais para o debate. Seu peso não ultrapassava mais de um quilo. Mas entre elas se encontravam cópias xerox de discursos pronunciados por Paulo Brossard em que atacava violentamente Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola. Nestor tinha uma explicação para o fato.

— Tenho esperanças de que o debate seja mantido em nível elevado. Toda-via, se isso não ocorrer, por parte de meu opositor, usarei também de outros recursos de que disponho. Eram 21h30min e Nestor Jost desembarcava frente aos estúdios da Televisão Gaúcha, onde já o aguardava o candidato do MDB, Paulo Brossard, para o debate que se estenderia por uma hora e meia. Sua esposa ficou assistindo o debate do Plaza São Rafael em companhia dos familiares.



No mundo de hoje os carecas só tem duas opções: o sistema Pilomax ou ir para o Tibet.

E aqui estamos novamente falando do sistema Pilomax, que está para o seu cabelo assim como a cavalaria americana está para os cowboys cercados pelos índios: aparecendo na última hora, para salvar todo mundo.

Acredite neste sistema e salve seus últimos cowboys, digo, cabelos, cortando-os nos dias certos marcados no calendário que você receberá enviando o cupon abaixo.

Mas, cuidado com as imitações: existe

por aí muita cavalaria que,

na verdade, são índios disfarçados, loucos para verem você escalpelado.

Agora, se você não

quizer fazer nada disso,

sempre vai ter uma

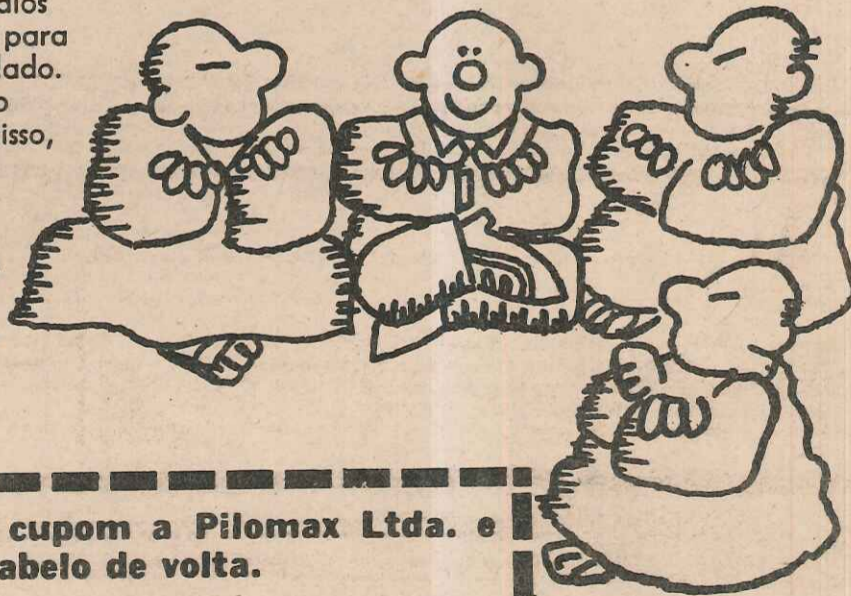
saída: procure seu

agente de viagens

e pergunte quando

sai o próximo

avião para o Tibet.



Mande este cupom a Pilomax Ltda. e receba seu cabelo de volta.

Nome.....

Enderço.....

..... Data de Nascimento.../.../.....

Cidade..... Estado.....

O preço do calendário, válido 12 meses é Cr\$ 80,00. Junte a este cupom um cheque nominal a Pilomax Ltda., ou remeta-o pelo reembolso postal, em qualquer agência do correio.

Pilomax Ltda.

Rua dos Andradas, 1.354 - Conj. 11 - Edifício Sloper
Caixa Postal 2.023 - Porto Alegre - RS.

EM DUAS HORAS, O DEBATE DA CAUTELA

As 10h05min de ontem, o jornalista Joseph Zukauskas, escolhido por seus colegas do Clube de Repórteres Políticos do Rio Grande do Sul para mediador, declarou aberto o debate entre os candidatos da Arena e MDB ao Senado Federal frente às câmeras dos canais 12 e 5, de Porto Alegre. O primeiro a usar a palavra, por cinco minutos, foi Paulo Brossard, o candidato da oposição que após fazer sua saudação, classificou o decreto-lei 477 como "o diploma mais anti-humano da história legislativa de todos os tempos" e afirmou estar surpreso porque só agora seu opositor pedia a sua revogação, às vésperas da eleição. Disse ainda que gostaria que o Governo explicasse a importação de carne uruguaia, enquanto havia excesso de produção estocada no Estado.

Esgotados os cinco minutos iniciais, a palavra passou ao candidato da Arena, Nestor Jost, que explicou ter sido o 477 editado em uma época de grande agitação estudantil no mundo inteiro, mas que hoje, mudados os tempos, sua revogação se justificava. Logo depois, lendo estatísticas sobre a produção de carne no Estado, declarou que, mesmo tendo baixado as exportações por contingência do mercado internacional, o Governo Federal não desamparou os produtores, tendo adquirido os excedentes da produção por preços superiores aos oferecidos no mercado externo.

CONFISCO CAMBIAL

Brossard retomou a palavra para classificar o confisco cambial sobre as exportações de carne como "uma medida iníqua e ilegal do Governo Federal, do qual participava então Nestor Jost, que então era presidente do Banco do Brasil". E concluiu: "ninguém sabe que fim levou este dinheiro".

O candidato da Arena retrucou — em sua nova intervenção — dizendo que o problema da carne já fora minuciosamente analisado em muitas oportunidades, mas que "nem só de carne vive o homem". Destacou então o grande crescimento dos demais setores da produção primária gaúcha, como suinocultura, soja, arroz e trigo. "E no último triênio o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul foi de 26%, exatamente o dobro do crescimento industrial brasileiro no mesmo período".

O preço da soja foi o tema seguinte abordado pelos dois candidatos, com Brossard acusando o Governo pelo aviltamento do preço, e Jost respondendo que ele é ditado pelo mercado internacional. Jost destacou que em sua administração o Banco do Brasil aplicou 22 bilhões de cruzeiros, transformando-o no estabelecimento bancário que mais aplicou em agricultura no mundo inteiro. O candidato da oposição voltou ao vídeo para dizer que o agricultor gaúcho estava mais pobre, enquanto as grandes empresas multinacionais enriqueciam às custas de seu trabalho.

CRESCIMENTO DO CONSÚMO

Nestor Jost, em nova intervenção, voltou a frisar que em três anos o Estado duplicou seu desenvolvimento industrial, e destacou que "nenhum item deixou de melhorar, dia a dia, no Rio Grande do Sul. "O desenvolvimento econômico, segundo o candidato situacionista, é a única opção. E salientou o crescimento da oferta de emprego, dizendo que o Governo trabalha para dar "oportunidades maiores a um número cada vez maior de brasileiros". Brossard retornou para destacar o aumento — segundo ele absurdo — do preço dos fertilizantes. Falou também na mortalidade infantil que apresenta índices crescentes, realidade "que nega tudo que se possa dizer sobre desenvolvimento". E quando iniciou uma referência à censura, seu tempo se esgotou.

A resposta de Jost foi dizer que "jamais lhe passou pela cabeça", que o debate que os dois mantinham pudesse ser censurado, e que ali o candidato da oposição podia dizer o que desejasse. Deplorou também a mortalidade infantil, dizendo que ela só seria eliminada com o progresso, que garantiria recursos para tanto. Destacou a formação cada vez maior de médicos, enfermeiros e outros profissionais do campo da saúde, pela multiplicação de oportunidades no campo da educação. "A tonelagem de gêneros alimentícios produzidos aumenta de ano a ano, e o povo brasileiro está comendo melhor".

AUMENTO DE IMPOSTOS

Em sua nova oportunidade, Brossard falou sobre o aumento da arrecadação de impostos. E voltou a criticar a censura. Falou sobre a inflação "para através de papel pintado o Governo comprar dólares e fazer a fão propalada reserva no exterior, que não representam uma expressão do enriquecimento nacional, mas dólares comprados com dinheiro falso". Para ele, o fisco está sufocando o comércio e a indústria.

Nestor Jost disse que essas reservas cambiais representaram a independência econômica do País, "que já não vive pedindo de prato na mão, como antes da Revolução". Salientou que o Brasil passou a se situar entre os dez maiores detentores mundiais de divisas, o que lhe garante crédito em qualquer lugar. "Esses recursos foram aplicados na construção de obras de energia elétrica, estradas, navios e outros equipamentos imprescindíveis". Falou sobre sua atuação como incentivador na indústria gaúcha de calcário. "O pe-

tróleo subiu 400% no mercado internacional daí o aumento no preço dos fertilizantes, cujo consumo nos últimos anos o Brasil multiplicou por dez, graças ao crescimento de sua economia".

O candidato do MDB disse que o Governo não foi capaz de ver que foi com a crise do petróleo que as indústrias de fertilizantes obtiveram seus maiores lucros, passando a enumerar cifras. Mas a censura demonstrou ser um dos temas favoritos de Brossard, que voltou a ele, lendo manifestação da Ordem dos Advogados a respeito. Citou o cardeal de São Paulo, que disse ao general Golbery do Couto e Silva desejar saber o destino de 20 presos políticos.

Jost voltou para ressaltar o clima de "ordem e segurança que reina no País", em contraste com o que acontece em outros países, e que a realidade é bem outra do que aquela que seu opositor deseja apresentar. "O Brasil é uma ilha de paz e de serenidade, que garante ao trabalhador o direito ao seu trabalho. Se existe algum caso de crime não esclarecido no Brasil eu pergunto, em que país isto não existe. Estou convencido que a sociedade brasileira está a favor deste clima de segurança e paz reinante aqui".

Paulo Brossard voltou a citar manifestação da Ordem dos Advogados e a falar sobre o caso do deputado Rubem Paiva. A seguir falou sobre a perda do controle de empresas gaúchas para capitais de fora do Estado e estrangeiros.

PINÇANDO A REALIDADE

Nestor Jost tomou a palavra para acusar Brossard de pinçar da realidade apenas os aspectos negativos. Destacou o progresso industrial do Estado, e que "o fato de o capital estar passando para outras mãos em nada afeta o progresso do Estado e o bem-estar do povo. O que nós desejamos é que o Brasil produza mais e o povo consuma mais. Transferências de controle acionário não interessam ao povo e não alteram o desenvolvimento".

O candidato arenista disse que não é possível esquecer que o País duplicou todos os seus itens produtivos em menos de dez anos, e que isto a oposição não poderia negar. "Há mais gente trabalhando e mais gente comprando". O modelo de desenvolvimento brasileiro — segundo Jost — deve continuar. Falou sobre sua carreira política de mais de 30 anos.

Brossard disse que Nestor, "após uma afortunada carreira de 13 anos no Banco do Brasil, só poderia ser otimista". O problema da habitação popular foi o novo tema do opositor, dizendo que o BNH favorece mais a classe A do que ao trabalhador. Para ele, a classe trabalhadora não pode assumir a responsabilidade de um contrato com o BNH, devido à sua reduzida capacidade econômica.

Nestor Jost destacou que o BNH já financiou um milhão de residências e negou que o órgão estivesse financiando a classe rica. O número de executados pelo BNH, para ele, era insignificante face ao volume de residências construídas e entregues. E disse que como senador proporia um abatimento dos juros e correção monetária aos mutuários necessitados do BNH. Frisou que o Banco não financia apenas residências, mas também projetos de saneamento em mais de duas mil cidades brasileiras. Falou sobre o desemprego que cresce mesmo nas nações mais ricas, em contraste com a política social brasileira.

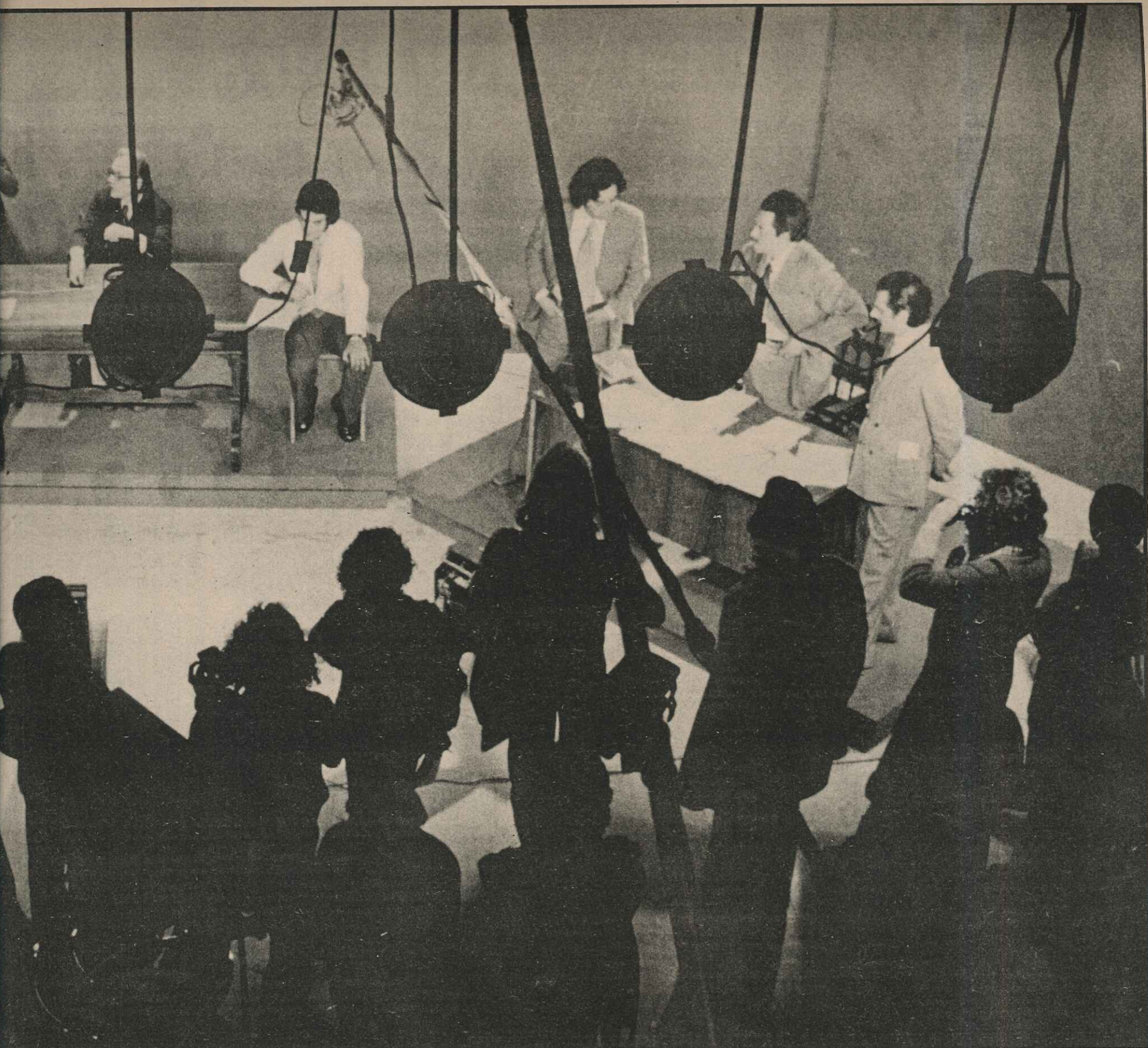
ULTIMAS INTERVENÇÕES

Nos últimos cinco minutos postos à sua disposição pelo moderador do Clube dos Repórteres Políticos, Brossard voltou a dizer que a classe assalariada não tem poder aquisitivo para aquisição da casa própria. "O modelo econômico tem se caracterizado pela concentração de renda cada vez maior nas pessoas que tem maiores rendas". E citou dados sobre a concentração de renda numa pequena faixa da população, em detrimento da maioria. Para ele, a classe média está se "proletarizando" em consequência do modelo econômico adotado pelo Governo Brasileiro. Os planos econômicos — segundo Brossard — são adotados à inteira revelia do povo. "Há mais de um caminho para se atingir o desenvolvimento, e nenhum desenvolvimento justifica a supressão das liberdades". Falou da insensibilidade do Governo "para os valores humanos", e citou livro do ministro Mário Simonsen, da Fazenda.

Esgotados os cinco minutos de Brossard, Jost passou a encerrar sua intervenção, dizendo ter "os olhos postos no futuro e desejar um Brasil Grande". O desenvolvimento — segundo o candidato arenista, que se declarou um homem do diálogo — é uma realidade incontestável.

"Minha preocupação permanente é com os mais humildes. Sinto o entusiasmo geral pela revolução que está ocorrendo no desenvolvimento do País. A classe média é indispensável para o desenvolvimento econômico". Para ele, a qualidade de vida do povo está melhorando. "Não estou numa campanha de otimismo, mas de realidade, e sinto que o pessimismo de nossos adversários procura desmerecer um trabalho de patriotas dedicados inteiramente à coisa pública. "Concluiu falando no fortalecimento do Brasil no quadro internacional dizendo confiar no desenvolvimento do Rio Grande e no bem-estar de sua gente, objetivo de estar ali postulando aquele mandato popular.





**Do jeito que as coisas andam,
este é o veículo de maior sucesso
para os próximos 10 anos.**

Passo Doble é o veículo ideal para os tempos atuais.

Econômico e leve como um carro pequeno, resistente como uma jamanta, Passo Doble não bebe nem gasolina nem água, porque é totalmente impermeável.

Feito para durar mais do que os outros e rodar por lugares onde só um trator rodaria, ele dá todo o conforto que o passageiro precisa.

Tudo isso faz de Passo Doble um sapato com quilometragem garantida.

Na hora de escolher a condução própria para os seus pés, não pense duas vezes: Passo Doble.

Esse é o sapato.

Passo DOBLE 